

Prédios ganham mais colorido e menos espaço

ALEXANDRE PINHEIRO

A arquitetura de Brasília está mudando. Os prédios mais novos, construídos na cidade durante os últimos cinco anos, trocaram a tradição do concreto por cores fortes, vidros coloridos e ornamentação nas fachadas. As novidades reacendem a eterna polêmica sobre os traços e características da capital projetada. Não se trata mais de saber, no entanto, se Brasília tem ou não esquinas, ou privilegia os automóveis. Agora, os arquitetos discutem se as mudanças tornam a cidade mais bonita e aproveitam melhor o espaço urbano. A maioria acha que não.

Um passeio rápido pelo Setor Comercial Norte (SCN), ainda não concluído, e por quadras da Asa Norte permite notar a diferença em relação a parte mais antiga da cidade — se podemos chamar de antigo algo feito há menos de 35 anos. “Os especuladores estão enfeitando os prédios para chamar a atenção e vender mais”, argumenta Cláudio Villar de Queiroz, diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Segundo ele, essa atitude demonstra que hoje tenta-se vender pela aparência e não pelo espaço e conforto oferecidos a quem vai utilizar os novos edifícios.

Os responsáveis pelas inovações estéticas explicam as mudanças por outro ângulo. “Estamos tentando fazer algo diferente da arquitetura monótona da cidade”, afirma Ricardo Cerqueira Pinto, arquiteto e gerente de incorporação da Paulo Octávio, uma das maiores construtoras de Brasília. Ele concorda que as novas salas comerciais são menores do que as mais antigas, mas defende que o conforto é o mesmo. Quando o assunto é a beleza dos prédios, Pinto considera que alguns são melhores e outros piores.

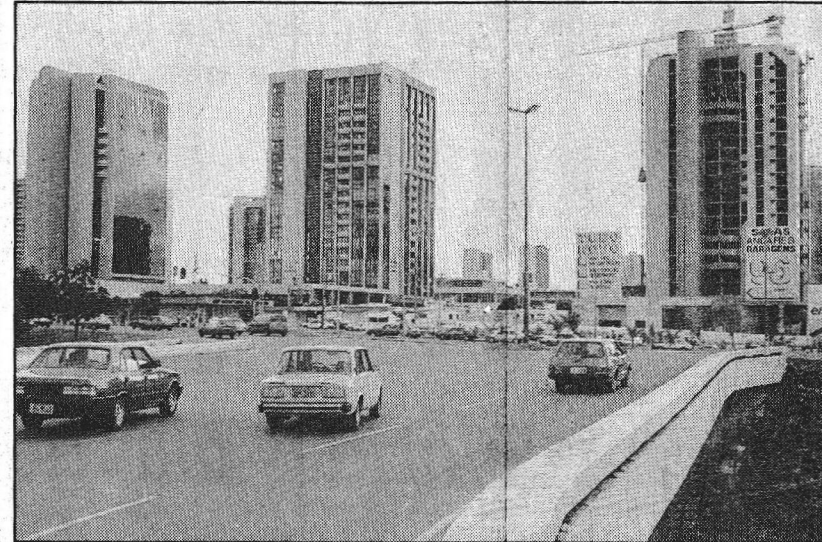
Alguns críticos acham que a cidade está ficando parecida com

todas as outras. “Temos coisas bonitas e feias, mas o desenvolvimento é assim mesmo: os edifícios vão ficando inteligentes e a organização para o pedestre cada vez mais burra”, diz o arquiteto Carlos Magalhães, ex-coordenador do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), em Brasília. Magalhães, que chegou à capital na década de 50, não gosta de algumas inovações. “Essas curvas em cima dos prédios e o acabamento com colunas gregas é um movimento arquitetônico que está acabando no resto do mundo, mas alguns ainda insistem em fazer aqui”, reclama.

Mesmo quem não é arquiteto, tem opinião formada sobre as novidades. “A arquitetura não pode ser saudosista”, observa Odeth Ernest Dias, professora de flauta aposentada pela UnB e que mora na cidade há 20 anos. Nascida na França, onde são comuns edifícios com vários séculos de idade, ela acha que a ideia inicial de Brasília deve ser respeitada, mas defende uma arquitetura voltada para quem vive na capital nos dias de hoje. “Temos muito mais carros e gente do que antigamente”, afirma, dizendo que a Igrejinha da 308 Sul e o Catetinho são alguns dos lugares mais belos da cidade.

SUL E NORTE

FOTOS: ZULEIKA DE SOUZA



Do Setor Comercial Sul (acima à esquerda) para o Setor Comercial Norte (acima à direita) e das Comerciais Locais Sul (abaixo à esquerda) para os novos blocos da Asa Norte (abaixo à direita) a mudança na arquitetura da cidade, desde os tempos pioneiros dos anos 60 até hoje.